

DESLOCANDO VOZES E OUVIDOS: CRIANDO E EXPERIMENTANDO UM PODCAST COMO RECURSO DIDÁTICO

Resumo: O texto trata da produção e do uso de podcasts como recurso didático e de divulgação científica da Antropologia. A partir do relato pessoal de produzir um episódio de podcast e discuti-lo em sala de aula, apresento reflexões sobre as vantagens e desafios da utilização dessa mídia para fins pedagógicos. Argumento que os podcasts possibilitam uma descentralização da emissão e recepção de informações e exigem um tipo particular de atenção ao ativar a escuta. Podcasts são uma mídia potencialmente acessível de produzir e consumir, o que permite novos agentes falando e ouvindo sobre ciência e Antropologia.

Abstract: *The text treats the production and the use of podcasts as a didactic resource and scientific divulgation of Anthropology. From the personal report of producing a podcast episode and discussing it in the classroom, I present reflections on the advantages and challenges of using this media for pedagogical purposes. I argue that podcasts enable a decentralization of the emission and reception of information and require a particular type of attention when activating listening. Podcasts are a potentially accessible medium to produce and consume, which allows new agents to speak and hear about science and Anthropology.*

1. INTRODUÇÃO¹

Podcasts podem ser definidos como programas de áudio transmitidos via internet. Por mais que essa mídia apresente semelhanças com o rádio, a principal diferença se encontra em sua forma particular de difusão dos programas. Ao contrário do rádio, os arquivos de podcast não são emitidos em tempo real, já estando prontos antes de serem disponibilizados. Essa forma de transmissão dos podcasts é chamada *podcasting*, definido como “um processo midiático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na internet” (PRIMO, 2005, p. 1). Esse processo surgiu em 2004, depois que Adam Curry, ex-VJ da MTV, desenvolveu uma forma de transferir seus programas de áudio para o agregador iTunes, da Apple (MEDEIROS, 2005). Desde então, milhares de podcasts surgiram ao redor do mundo, com diferentes formatos e conteúdos, para fins que vão do entretenimento até a divulgação científica. Nesse cenário surge o Mundaréu, um podcast de Antropologia, produzido em parceria pela Universidade de Brasília e pela Unicamp². O Mundaréu nasce em 2019, com o objetivo de divulgar e traduzir a Antropologia para um público mais amplo e diverso, utilizando um formato que busca reencontrar as relações de uma pesquisa de campo na antropologia, a partir do diálogo entre a antropóloga e sua interlocutora de pesquisa.

Na mesma semana que a OMS anunciou a pandemia do coronavírus, fui selecionado para participar da equipe do Mundaréu. Mais especificamente, fui selecionado para compor a equipe do projeto “O que faz a Antropologia? Desenvolvimento e estruturação de um podcast como um recurso digital de apoio ao ensino e à aprendizagem”, realizado com o apoio do Centro de Educação à Distância da UnB³. O projeto tinha como objetivo experimentar o Mundaréu como um material didático para ser utilizado em sala de aula, e, para isso, várias professoras foram convidadas para participar do experimento. Nós, da equipe, deveríamos preparar, conduzir e/ou acompanhar a aula, para analisar as vantagens, dificuldades, benefícios, desafios e potencialidades deste material, até então, um tanto alternativo.

Entretanto, a pandemia parou o mundo e, com ele, também o nosso projeto. O primeiro semestre de 2020 na UnB foi suspenso e, depois de alguns meses, sem saber quando e como as aulas iriam

voltar, resolvemos nos encontrar (virtualmente, claro) e pensar em alguma coisa para fazer dentro do projeto. Nesse encontro, a professora Soraya Fleischer, professora do DAN/UnB, coordenadora do projeto e uma das produtoras do Mundaréu, sugeriu que, enquanto esperávamos as coisas voltarem ao normal, poderíamos fazer algo diferente, uma espécie de aventura. Ela sugeriu que cada membro da equipe, formada naquele momento por sete estudantes da UnB, produzisse um episódio de podcast próprio, para criar uma série que depois chamaríamos de Mundo na Sala de Aula (Munsa). A ideia chegou na equipe do Mundaréu de Campinas, onde uma estudante da Unicamp também produziu um episódio.

A série Munsa tinha como objetivo revisitar os materiais brutos que ficaram de fora da primeira temporada do Mundaréu. Isso porque, para produzir um episódio de 40 minutos do Mundaréu, são gravados, em média, 300 minutos de áudio. Essas gravações são o resultado das conversas preparatórias, geralmente realizadas por chamadas telefônicas entre as entrevistadas e entrevistadoras, além da entrevista final dentro do estúdio. Os 300 minutos de material bruto são editados e apenas 30 a 40 minutos são aproveitados para compor a versão final do episódio que vai ao ar; ou seja, a maior parte do material gerado na produção do Mundaréu não é utilizada, ficando de fora muitas conversas, histórias, “erros” de gravação e risadas.

Assim, os estudantes da equipe do Mundaréu ficaram responsáveis por criar um episódio cada, a partir das gravações brutas dos oito episódios da primeira temporada do podcast. Cada membro da equipe escutou os quase 2400 minutos de material em áudio, escolheu um tema, preparou o roteiro, gravou, editou e finalizou um episódio de podcast. A série se tornou um material didático, feita por estudantes para estudantes, com temas relevantes para o ensino da Antropologia, mas com uma linguagem mais próxima do público pretendido.

A Munsa foi lançada em agosto de 2020, com um episódio novo por semana. Nesse mesmo mês, as aulas da UnB foram retomadas de maneira remota. Com isso, o projeto inicial, de usar o Mundaréu em sala de aula, pôde ser iniciado, mas dessa vez com o adicional de que a série, produzida por nós, estudantes, também se tornou uma possibili-

Arthur Ulhôa Kurle
Graduando em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Contato:

<arthur.ulhoa1998@gmail.com>; Currículoattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K2564724J7>

Palavras-chave:

Podcasts; Ensino; Antropologia; Divulgação científica; Descentralização da informação.

Keywords:

Podcasts; Teaching; Anthropology; Scientific divulgation; Decentralization of information.

1 Agradeço a professora Soraya Fleischer e a toda equipe do Mundaréu por todo trabalho, parceria e solidariedade na construção desse projeto.

2 Site do Mundaréu: <<https://mundareu.labjor.unicamp.br/>>.

3 O edital que contemplou o projeto faz parte do Programa Aprendizagem para o 3º Milênio (A3M), que tem por objetivo desenvolver ações educacionais inovadoras. Link do A3M: <<https://www.a3m.cead.unb.br/>>.

dade para se transformar em um material didático.

Ao todo foram 15 professoras que aceitaram o convite para participar do experimento, disponibilizando uma aula cada para utilizar e avaliar o uso de podcasts como recurso didático. As disciplinas eram dos cursos de Ciências Sociais, Saúde e Educação, mas todas abordando conteúdos de Antropologia. A equipe do projeto ficou responsável por preparar as aulas, produzir materiais complementares (como exercícios de avaliação e roteiros de audição), conduzir as aulas síncronas e avaliar os resultados. Em cada aula, os podcasts foram utilizados de uma maneira específica, atendendo às demandas da professora e do programa da disciplina. Entretanto, na maioria dos casos, os episódios foram escutados de antemão pelas alunas e discutidos em sala, sendo realizado um exercício de avaliação individual depois de cada aula. Das 15 aulas do experimento, 9 utilizaram episódios da série Munsas como recurso didático.

O objetivo desse texto é refletir sobre as duas experiências, produzir um episódio de podcast e usá-lo como material didático. Para isso, vou contar em primeira pessoa como foi para mim, estudante de graduação de Antropologia pela UnB e membro da equipe do Mundaréu, alguém que nunca fez nada parecido, produzir um episódio da série Munsas. Em seguida, vou falar sobre a experiência de conduzir uma aula utilizando esse mesmo episódio como recurso didático, trazendo os retornos das estudantes e da professora que participaram do experimento; argumento que esses dois processos promoveram diferentes deslocamentos. O primeiro é o deslocamento de quem fala sobre a ciência, dando voz a novos agentes como estudantes e interlocutores de pesquisa. O segundo deslocamento é da atenção de quem escuta um podcast, ativando a audição e exigindo um tipo particular de concentração. O terceiro deslocamento é o deslocamento do público consumidor da ciência, que se amplia atingindo novos receptores. Esses deslocamentos trazem possibilidades e desafios para a utilização de podcasts como um recurso didático e também para a divulgação científica.

2. PRODUÇÃO

Uma parte dos materiais em áudio que não entraram nos episódios finais da primeira temporada do Mundaréu é o que costumamos denominar de “erros” de gravação. Nessa categoria se encaixam os problemas técnicos, barulhos externos, gaguejadas, palavras enroladas, pigarros, piadas, risadas, confusões e outros acidentes que ocorreram durante as gravações do podcast. Além dos “erros” da própria gravação, alguns relatos das pesquisadoras entrevistadas pelo Mundaréu contam sobre as adversidades que podem ocorrer em uma pesquisa de campo. Esses são os acidentes, obstáculos e imprevistos que as antropólogas enfrentam durante a prática antropológica. Alguns exemplos das adversidades em campo que surgiram nas gravações são: interlocutores de pesquisa adoecendo; roteiros de perguntas e questionários confusos; e alterações radicais nos planejamentos de pesquisa.

Foi nesse material que surgiu o tema para o meu episódio. Notando o paralelo entre as conversas so-

bre os “erros” de uma pesquisa de campo e os “erros” de gravação do Mundaréu, foi possível elaborar uma discussão sobre como a Antropologia lida com suas próprias adversidades. Dessa forma, o episódio iria abordar assuntos importantes como metodologia de pesquisa, ética em pesquisa, adversidades e relações de gênero com o humor do que eu chamei de “áudiocassetadas”.

Escolhido o tema do episódio, o passo seguinte para a produção do podcast foi realizar uma pesquisa sobre os materiais. Escutei os 2400 minutos de áudios não editados, selecionando e transcrevendo todas as partes que se encaixam com o tema. Depois, categorizei essas partes em cinco subtemas (problemas técnicos, gaguejadas, pigarros, indecisões, piadas). Com o material selecionado e categorizado, comecei a elaborar o roteiro do episódio.

Nessa etapa do processo, toda feita em um documento escrito, dividi o episódio em dois blocos. O primeiro reservado para as “áudiocassetadas” e o segundo para as adversidades de uma pesquisa de campo. Para o primeiro bloco, organizei as categorias dos “erros” de gravação em uma ordem, tentando seguir a lógica de produção do podcast. Em outras palavras, tentei mostrar um pouco do processo de produção do Mundaréu a partir dos acidentes que ocorrem nos bastidores. Assim, iniciei com as conversas prévias, depois com os ajustes dos equipamentos em estúdio, até chegar nas dificuldades de encerrar as gravações a tempo dentro do estúdio. Para o segundo bloco, separei as falas de duas pesquisadoras que haviam sido convidadas para serem entrevistadas pelo Mundaréu falando sobre as adversidades enfrentadas em suas pesquisas de campo. Com as partes organizadas, escrevi as minhas falas de locução do episódio, conectando as partes entre si.

Com o roteiro escrito, a próxima etapa foi gravar as falas da locução do episódio. Na série Munsas fizemos a locução em duplas, e quem se juntou a mim neste episódio foi a colega de equipe Melissa Bevilaqua. Devido à pandemia do coronavírus, cada um gravou sua parte em casa, pelo próprio celular. Nesse momento, aprendemos várias técnicas caseiras para melhorar a qualidade da gravação, como gravar dentro do armário, dentro de uma cabana de cobertores, colocar o celular dentro de uma meia e esperar até de madrugada para gravar. No meu caso, esperei uma hora mais silenciosa e gravei dentro de um armário.

Chegou a hora de ir para o programa de edição. Esse é o momento para sair do planejamento escrito e trabalhar com os áudios. A edição é um processo muito minucioso, que requer muita atenção e delicadeza. O primeiro passo é cortar os áudios selecionados. O corte precisa ser feito com cuidado, para que não seja “seco”, ou seja, para que o áudio não se inicie ou termine de uma forma brusca. Depois, os áudios cortados são movidos e colados seguindo as orientações do roteiro, construindo as sequências.

A edição é também o momento de colocar a trilha sonora e os efeitos de áudio do episódio. Criar uma ambientação que combine com o conteúdo e formato do podcast ajuda a envolver o ouvinte, mobilizando emoções e estimulando a imaginação. Optei por escolher uma música livre, sem direito au-

toral, para acompanhar o episódio⁴. Também escolhi um efeito de áudio disponível de forma gratuita na internet, usado para identificar as transições de áudio ao longo do episódio⁵.

Depois da edição, vem a revisão. Essa é a parte em que regravamos o que for necessário, excluímos o que não for necessário e lapidamos o material como um todo. Nessa etapa, tentamos colocar o episódio dentro do tempo estabelecido, que no caso da série Munsa ficou em 20 minutos para cada episódio. Esse momento é difícil, talvez um dos mais difíceis, porque é hora de fazer sacrifícios, escolher o que jogar fora e enxugar ao máximo o material. Mas é também a parte final, quando finalizamos o episódio.

A última etapa é a publicação e divulgação do episódio. Agora elaboramos um texto de apresentação, escolhemos uma imagem para ilustrar no site, anotamos as referências, créditos e agradecimentos. A publicação da série foi realizada no mesmo site do Mundaréu e está disponível nos mesmos tocadores que o podcast. A divulgação é feita pelas redes sociais, com imagens e textos elaborados pela responsável do marketing do Mundaréu. O episódio foi o segundo da série a ser lançado, com o título de “Áudiocassetadas: quando o “erro” vem entre aspas”⁶.

3. EXPERIMENTO

O segundo episódio da série Mundo na Sala de Aula, “Áudiocassetadas: quando o erro vem entre aspas”, foi utilizado em duas aulas do projeto CEAD: a primeira, na disciplina de “Pesquisa Social em Saúde” do curso de Saúde Coletiva; e a segunda, na disciplina “Métodos e Técnicas em Antropologia Social” para estudantes de Antropologia. Ambas as disciplinas eram obrigatórias em seus respectivos cursos e contaram, em média, com 25 estudantes matriculados. As aulas foram realizadas de maneira síncrona no modelo EAD, devido à pandemia do coronavírus. As aulas foram conduzidas por mim e outra colega da equipe do Mundaréu, com o acompanhamento da professora da disciplina. Nas duas aulas, o episódio foi escutado de antemão pelas estudantes, sendo relacionado com o conteúdo da disciplina nas discussões durante a aula. Nas duas aulas, também, a dupla responsável da equipe elaborou exercícios relacionados ao conteúdo. Depois das aulas, solicitamos às estudantes que preenchessem um formulário de avaliação da aula e do episódio escutado. Vamos focar na primeira aula em que realizamos o experimento, devido a maior quantidade de dados que conseguimos coletar.

Na disciplina “Pesquisa Social em Saúde”, por volta de 20 estudantes participaram da aula, sendo a maioria alunos do segundo semestre do curso de Saúde Coletiva. A aula foi conduzida pela dupla da equipe do Mundaréu, eu, graduando de Antropologia, e Rosânia do Nascimento, mestranda em Antropologia. O tema da aula era a produção de podcasts como ferramenta a ser utilizada na Saúde Coletiva como um instrumento de divulgação e comunicação. Foi sugerido às estudantes que escutassem o Episódio 2 juntamente com o Episódio 9⁷ antes da aula e realizar um exercício depois da aula. Este exercício foi elaborado pela dupla, a colega Rosânia e eu.

Sobre a experiência de conduzir uma aula síncro-

na, eu e Rosânia reconhecemos que foi um grande desafio. Dar uma aula síncrona, de maneira remota, e com um material didático um tanto “alternativo” foi uma experiência inusitada, o que gerou inseguranças para a dupla. No início da aula, a conexão da professora responsável pela turma caiu e ficamos sozinhos juntos com uma turma de desconhecidos que se escondiam atrás das câmeras desligadas. Entretanto, seguimos com o planejamento e, apesar dos obstáculos e das inseguranças, a aula fluiu bem e cumpriu seus objetivos.

A dupla avalia de modo muito positivo o experimento. A comunicação prévia e de preparação da aula, junto à professora da disciplina fluiu bem, a aula síncrona cumpriu seus objetivos, o exercício atendeu às demandas da professora e conseguimos estabelecer um bom contato com a turma. Ficamos muito satisfeitos com a experiência.

As estudantes que participaram da aula também avaliaram, de maneira geral, de forma positiva o experimento. Recebemos ao todo 17 avaliações das alunas, com respostas para cinco perguntas: de qual curso e semestre você é? Você tem o hábito de ouvir podcasts? Se já tinha utilizado algum podcast como material didático; o que achou dos episódios; e como os episódios te ajudaram a compreender o conteúdo da disciplina.

Todas as estudantes que responderam são do curso de Saúde Coletiva e, a maior parte, 13 alunas, são do segundo semestre do curso. As outras 4 alunas estão distribuídas em semestres mais avançados do curso. Além disso, 15 estudantes, quase a totalidade das participantes, não tinham o hábito de ouvir podcasts, também 15 estudantes nunca tinham utilizado essa ferramenta como um material didático. Dessa forma, podemos perceber o quanto foi novo para a turma escutar um podcast e usá-lo como material de estudo.

Sobre o que acharam do podcast, a maioria das estudantes avaliou de forma muito positiva o formato, a duração, a locução, a qualidade técnica e o conteúdo dos episódios. Entre essas avaliações, alguns comentários se repetiram e outros chamaram atenção. Várias respostas evidenciaram que a duração dos episódios, 20 minutos, não era nem curta nem longa, o que a impedia de ser uma audição maçante ou cansativa. Muitas também elogiaram a ambientação sonora dos episódios, o que permite um envolvimento maior com o conteúdo. Outro elogio recorrente foi sobre a linguagem mais informal, mais leve e horizontal, de estudante para estudante. Abaixo seguem alguns trechos selecionados das respostas das alunas:

“Adorei! Achei que seria muito tempo para ouvir, mas acabei me envolvendo na história e até queria escutar mais quando percebi que já tinha acabado. A discussão se torna mais simples, mais dinâmica e, assim, mais fácil de compreender, de se sentir em uma roda de conversa, livre, sem aquela pressão acadêmica sobre entender certo assunto através apenas de leituras.”

“Geralmente me adequo melhor em leituras, porém o podcast sempre foi algo que prendeu minha atenção mesmo eu estando

4 A música escolhida foi “Tango Bangó”, de E’s Jammy Jams. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b67vaXYw-siY>>.

5 Link para o site dos efeitos sonoros: <<https://free-sound.org/>>.

6 Link para o episódio: <<https://mundareu.labjor.unicamp.br/2-mundo-na-sala-de-aula-audiocassetadas-quando-o-erro-vem-entre-as-pas/>>.

7 O episódio 9 da série Munsa foi o episódio de encerramento da série. Nele se discute o uso de podcasts como ferramenta de ensino e aprendizagem de Antropologia. Como o tema do episódio se conectava com o tema da aula, resolvemos utilizar junto com o episódio 2.

em outras atividades como lavar o banheiro de casa. Esse programa em específico tem trazido uma leveza para compreensão de aspectos principalmente do papel do antropólogo e como é desempenhado.”

“Os textos de forma geral, nos mostram apenas a carga teórica do conteúdo, o que às vezes pode ser de difícil absorção e compreensão. O podcast traz uma linguagem mais dinâmica e leve, é similar a ter um bom bate papo com um colega de classe. A linguagem utilizada é fácil, acessível e cativante, o que pode ser uma ótima opção para atingir vários públicos ao mesmo tempo, além de dar outras opções para os estudantes além dos textos formais.”

Essas respostas tocam em aspectos importantes quando pensamos em podcasts como recursos didáticos. Os podcasts apresentam uma linguagem mais acessível, leve e dinâmica, e a ambientação sonora mobiliza emoções e estimula a imaginação dos ouvintes. Outra característica é que um podcast não requer a exclusividade da atenção, ou seja, é possível escutar um podcast fazendo outras atividades, como dirigir um carro, andar de ônibus, ou fazer faxina doméstica, como no exemplo acima.

Entretanto, cinco respostas apresentaram o outro lado da utilização dos podcasts. Nesse contexto, três alunas avaliaram que a duração do episódio foi muito longa, o que prejudicou a concentração, como por exemplo na resposta abaixo:

“Não sou acostumada a ouvir podcasts, tenho muito problema de conseguir me concentrar a ouvir todo o conteúdo, mas gostei muito das informações disponibilizadas. Só acredito que a duração é muito longa e é ruim pra quem não consegue se concentrar por muito tempo.”

Além do apontamento sobre as dificuldades de concentração, uma estudante reclamou do volume muito alto das músicas e a outra evidenciou as dificuldades de acesso a esse material para quem não tem uma boa conexão de internet.

A professora responsável pela turma avaliou muito positivamente o experimento. Nas palavras dela, o exercício ficou “muito bom” e a atividade como um todo superou em muito suas expectativas, proporcionando um rico aprendizado sobre “podcasts, estilos, narrativas, etc.” Quando questionada se pretende continuar usando podcasts em sala de aula, ela escreveu em caixa alta, negrito e com dois pontos de exclamação: **SIM, CERTAMENTE!!**

4. DESLOCANDO

4.1 DESLOCANDO VOZES

A partir da experiência de produção de um episódio da série Munsá e de sua aplicação como recurso didático, é possível perceber certos movimentos particulares de deslocamento dos centros tradicionais de emissão e recepção de informações. O primeiro deslocamento trata da etapa da produção, que é facilitada por características próprias do processo de desenvolvimento de um podcast. Essas características tornam a produção dessa mídia

mais acessível e permite que novos agentes possam produzir conteúdos e disponibilizá-los para um público mais amplo. A série Munsá é exemplo desse movimento, na qual estudantes usaram sua própria voz para falar sobre suas vivências, experiências, interesses e aprendizados para outros estudantes, dentro de sala de aula.

Diferente das mídias tradicionais de comunicação de massa, como o rádio, um podcast não precisa de concessões ou autorizações legais para ser produzido, basta produzir o áudio e disponibilizá-lo online. Dessa forma, é possível caracterizar o podcast como uma mídia independente, de produção e transmissão livre. Desde que haja disponibilidade técnica, qualquer pessoa pode fazer um podcast (ASSIS, 2011). Primo (2005, p. 7) destaca essa qualidade ao afirmar que:

“Um podcast [...] pode ser produzido por uma única pessoa tendo como recurso apenas um microfone ou gravador digital, um computador conectado na Internet e algum servidor na rede para armazenamento de seus programas e do recurso RSS. Essa produção oferece ao podcaster um contato muito próximo de seu produto, em contraste com a produção de programas radiofônicos massivos, em que muitos atores do processo produtivo acabam tendo pouco (ou até mesmo nenhum) contato com o produto final.”

Essa relativa acessibilidade na produção possibilita que produtores independentes e/ou amadores possam “criar seus próprios conteúdos e divulgá-los na internet sem a necessidade de orçamentos caros ou sistemas complexos de produção” (ASSIS, 2011, p. 107).

Como a experiência de produzir a série Munsá revelou, não é necessário um estúdio para atingir uma boa qualidade de gravação, técnicas caseiras de redução de ruídos funcionam bem e os retornos que recebemos sobre esse aspecto foram bem positivos. No fim das contas, eu não gastei nada extra para produzir meu episódio, pois todos os recursos necessários (computador, gravador e internet) já estavam disponíveis antes da produção. Entretanto, é importante ressaltar que mesmo que cada membro da equipe tenha produzido o seu próprio episódio na série Munsá, ninguém fez isso sozinho. Contamos com apoio e orientação das coordenadoras do Mundaréu, da dupla do episódio e das aulas práticas e de toda a equipe para produzir e utilizar o podcast. Mesmo assim, a experiência demonstrou que ninguém precisa ser profissional e ter anos de experiência para produzir um podcast próprio. Além disso, também aprendemos muito com a experiência e fica claro como aprimoramentos vão sendo operados à medida que ficamos mais familiarizados com a linguagem, o público, os softwares e equipamentos.

Para Medeiros (2005), a maior inovação do podcast é o deslocamento do poder de emissão das mãos de uma grande mídia para os próprios ouvintes. Assim, há uma descentralização da comunicação e uma inversão da direção do fluxo de informações, que deixa de ser de um para todos e se torna de todos para todos. Com o podcast, cada usuário pode produzir e disponibilizar seu conteúdo da maneira que bem entender.

Dessa forma, os podcasts possibilitam o primeiro deslocamento, no qual diferentes agentes contam suas experiências, suas ideias e suas histórias. Estudantes, como eu, podem encontrar nessa mídia um meio acessível e eficiente para falar sobre Ciência; digo falar de forma literal, pois são as vozes, com sotaques, geração e características e identidades próprias que formam a substância de um podcast. É por essa razão que outros atores podem entrar em cena para falar sobre Ciência, como é o caso dos interlocutores de pesquisa na Antropologia. No Mundaréu, os interlocutores de pesquisa são entrevistados juntos com os pesquisadores, quebrando o padrão tradicional que separa “sujeito pesquisador” e “sujeito pesquisado”. Os podcasts possibilitam que o “sujeito pesquisado” fale por si só, sem precisar do intermédio de pesquisadores para transformar suas falas em textos acadêmicos.

Produzir um podcast enquanto estudante, na série Munsá, também se mostrou ser uma experiência muito rica de pesquisa e aprendizado. Enquanto fazia meu episódio, coloquei em prática vários métodos de pesquisa, coleta e organização dos dados. Pude exercitar a minha voz e forma de explicar, ao redigir o roteiro e gravar a locução. Depois, ao utilizar o meu episódio na sala de aula do curso de Saúde Coletiva, eu pude ter um exercício docente, de falar sobre a produção do episódio, explicar os seus conteúdos de Antropologia, responder perguntas e receber feedbacks dos estudantes. Além dessa parte prática, a experiência me aproximou da produção antropológica de outros pesquisadores e de temáticas importantes para esse campo de saber.

4.2 DESLOCANDO A ATENÇÃO

Usar um podcast como material didático também revelou um segundo deslocamento: o deslocamento da atenção por parte das estudantes no momento da escuta. Ativar a audição para estudar exige um tipo especial de concentração que apresenta vantagens pedagógicas interessantes a serem exploradas.

Fleischer e Manica (2020) caracterizam a atenção exercida no ato de ouvir um podcast como mais “generosa”, ou seja, que não exige uma exclusividade. É possível escutar um podcast exercendo diferentes atividades, como lavar louça, dirigir um carro, andar de ônibus, etc. Essa característica ficou evidente nas avaliações das estudantes sobre o experimento, na qual muitas afirmaram que escutaram fazendo diferentes tarefas. Em um exemplo citado acima, uma estudante afirmou que ouviu o episódio da Munsá lavando o banheiro de casa.

Somada a uma atenção generosa, a qualidade esquizofônica de um podcast permite que o ouvinte tenha mais controle sobre seu processo de escuta. Assis (2011, p. 90) explica o conceito de esquizofônico ao afirmar que o podcast “rompe com as noções de tempo, espaço e corpo próprios do som”. A ruptura espacial se dá na possibilidade de um podcast ser baixado em um outro lugar diferente do receptor, a partir da transmissão ponto a ponto, de um servidor para um computador remoto. Além disso, o fato de os arquivos disponibilizados na rede já estarem prontos, produzidos antes da transmissão, representa uma ruptura temporal proporcionada pelo podcast. De acordo com Assis, a qualidade esquizofônica permite que a escuta possa ser realizada a

qualquer momento, assim como escutar novamente em outro momento. O ouvinte passa a ter mais controle sobre seu processo de escuta, decidindo quando e onde vai ouvir, quando parar e se deseja ouvir novamente, sem que isso comprometa a concepção e compreensão do conteúdo. Do ponto de vista pedagógico, essas ferramentas podem representar vantagens para estudantes com necessidades especiais (CARVALHO *et al.*, 2009).

Outra qualidade dos podcasts é que eles permitem uma linguagem mais informal. Essa mídia possibilita que histórias sejam contadas de uma maneira mais livre, despreocupada e dinâmica. Esse ponto também foi bastante comentado nas avaliações, que evidenciaram a simplicidade e a leveza da linguagem, o que ajudou na compreensão do conteúdo da aula. Carvalho (2009) comenta como o uso da voz apresenta uma vantagem pedagógica, pois a entonação e o ritmo da fala ajudam a dar sentido às palavras facilitando a compreensão do que está sendo dito. As histórias contadas também são capazes de mobilizar emoções, estimular a imaginação e “exigem uma participação mais ativa do público” (FLEISCHER; COUTO, 2021, p. 4).

“A narrativa, assim, facilita que se transporte de um mundo a outro, que mundos diferentes possam se comunicar. O discurso mais informal da conversa, por exemplo, já ajuda a estabelecer um tom agradável para confidências e lembranças”.

4.3 DESLOCANDO O PÚBLICO

Por fim, o terceiro deslocamento diz respeito ao público que consome essa mídia. Podcasts são capazes de atingir um número elevado de pessoas e sua linguagem mais informal permite que pessoas não familiarizadas com o ambiente acadêmico possam se aproximar das discussões científicas. No caso da Antropologia, esse deslocamento é um importante movimento para dar maior visibilidade à disciplina, que sofre um problema de tradutibilidade, visibilidade e divulgação (FLEISCHER; COUTO, 2021).

Por ser uma mídia livre e disponível online, o podcast rompe com as fronteiras espaciais. Onde estiver, qualquer pessoa com acesso à internet pode escutar um podcast. O fato de os arquivos disponíveis já estarem prontos em um tempo anterior à transmissão possibilita o rompimento das fronteiras temporais de um podcast. Ou seja, sua qualidade esquizofônica permite que qualquer pessoa, em qualquer lugar e em qualquer momento, se tiver as condições mínimas, escute um podcast (ASSIS, 2011). Essa característica abre possibilidades para que pessoas de diferentes origens, profissões, interesses, opiniões, etc., entrem em contato com conteúdos diversos, e que pessoas com algum tipo de deficiência visual sejam incluídas nesse processo.

No caso da Antropologia, como Fleischer e Couto (2021) pontuaram, a disciplina está concentrada em textos escritos. Isso causa uma certa fadiga visual por parte dos estudantes da disciplina e um distanciamento do público não acadêmico e/ou vindos de outros cursos. Além disso, nem sempre os textos publicados são de acesso aberto e gratuito, reduzindo ainda mais o público que pode consumir resultados de pesquisa científica. O resultado é que

a Antropologia é a Ciência Social menos conhecida entre as três, sendo confundida com outras disciplinas como a Arqueologia, Museologia e Paleontologia. Dessa forma, usar um podcast com recurso didático e de divulgação da Antropologia, é uma forma de tentar superar os problemas de tradutibilidade, visibilidade e divulgação da disciplina.

Com uma linguagem mais informal, leve e descontraída, um podcast como o Mundaréu e a série Munsá podem chegar a um público mais amplo e aproximá-lo dos debates e das pesquisas elaboradas dentro da Antropologia. No experimento realizado em sala de aula com o Episódio 2 da série Munsá, todas as estudantes eram do curso de Saúde Coletiva e talvez estivessem apenas começando a ter contato direto com conteúdos e profissionais da Antropologia. O podcast pode, por exemplo, funcionar como um convite a conhecer outros materiais da área, sejam outros programas, sejam artigos e livros. Nesse sentido, o podcast pode ter ajudado nesse encontro interdisciplinar, já que um dos temas mais abordados nas avaliações que recebemos da turma foi a linguagem informal usada pelo Munsá. “Simples”, “dinâmica”, “fácil”, “leve”, “acessível” e “cativante” foram alguns dos adjetivos dados pelas estudantes ao se referirem à linguagem do episódio. Um estudante comentou que ouvir o podcast “é similar a ter um bom bate papo com um colega de classe”. Essas respostas evidenciam as vantagens pedagógicas de usar esse material para traduzir, dar visibilidade e divulgar a Antropologia.

5. CONCLUSÃO

Os deslocamentos observados a partir da produção de um episódio da série Munsá e da realização de aulas com podcasts, atividades previstas no projeto de extensão “O que faz a Antropologia? Desenvolvimento e estruturação de um podcast como um recurso digital de apoio ao ensino e à aprendizagem” (DAN/CEAD/UnB) revelam que o uso de podcasts como material didático possibilita uma descentralização e democratização dos debates científicos, e nesse caso específico, da Antropologia. As vanta-

gens pedagógicas são inúmeras. Para quem produz, o processo de desenvolvimento de um podcast é um exercício de estudo, pesquisa e aproximação com a produção e prática antropológica. Para quem escuta, é um meio mais acessível de compreensão dos debates travados no interior da disciplina.

Por outro lado, o uso de podcasts como recurso didático pode apresentar limitações e dificuldades. Como alguns retornos que recebemos deixaram explícito, não é todo mundo que consegue se concentrar ouvindo um material em áudio, o que pode comprometer a compreensão da mensagem transmitida. Alguns estudantes reclamaram da duração longa do episódio, o que reforça a fala de Carvalho *et al* (2009), ao afirmarem que podcasts perdem a eficiência de transporte de detalhes se a extensão for muito longa. Mesmo que seja uma mídia mais acessível, essa característica encontra seus limites em lugares sem acesso à internet e/ou equipamentos de produção e audição ou mesmo em lugares em que um pouco de silêncio e solidão sejam totalmente impossíveis.

Dessa forma, propor o uso de podcasts como um recurso didático não tem por finalidade substituir os textos escritos e outros materiais mais canônicos e consolidados de ensino; mas, sim, de apresentar mais uma possibilidade para estudantes e professores expandirem seus materiais pedagógicos. É uma nova possibilidade de novas pessoas falarem sobre suas experiências, trabalhos, vivências, histórias, ensinamentos e aprendizados. Falem de tudo isso usando a própria voz, com sua cadência específica, seu sotaque e sua identidade. É uma possibilidade de usar um outro sentido, ativar a audição e aproveitar um tipo diferente de atenção para desafogar os olhos e se aliviar da inundação visual causada pelo excesso de leitura, de escrita, de telas, de iluminação artificial (FLEISCHER; COUTO, 2021). Uma nova possibilidade de usar a imaginação, as memórias e emoções para aprender e ensinar. Por fim, uma possibilidade de conhecer conteúdos distantes, de diversas áreas diferentes, talvez pouco conhecidas até o momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Pablo de. (2011). *O imaginário do áudio e o podcast: re-imaginando o potencial da produção e distribuição de áudio na internet*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná.
- CARVALHO, Ana Amélia Amorim. (2009). “Podcasts no ensino: contributos para uma taxonomia”. *Ozafaxinars*, 8: 1-15. Disponível em: https://cfaematosinhos.eu/Podcasts%20no%20Ensino_08.pdf. Acesso em 19 fev. 2021.
- CARVALHO, Ana Amélia Amorim; AGUIAR, Cristina; SANTOS, Henrique; OLIVEIRA, Lia; MARQUES, Aldina; MACIEL, Romana. “Podcasts in higher education: students’ and lecturers’ perspectives”. In: SANTOS, Elder Rizzon; MILETTO, Evandro Manara; TURCSANYI-SZABO, Marta (Orgs.) *Education and technology for a better world: proceedings of the IFIP World Conference on Computers in Education (WCCE)*, 9, Bento Gonçalves, Brasil, 2009. IFIP, cop. 2009. pp 417- 426.
- FLEISCHER, Soraya; COUTO, Julia. (2021). “Mundaréu: Um podcast de Antropologia como uma ferramenta polivalente”. *GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia*, 6, 1: 1-21. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/172390>. Acesso em: 19 fev. 2021.
- FLEISCHER, Soraya; MANICA, Daniela. (2020). “Ativando a escuta em tempos pandêmicos”, in M.P. Grossi & R. Toniol (orgs.), *Ciências sociais e o Coronavírus*. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, p. 49 - 52.
- MEDEIROS, M. S. D. “Podcasting: produção descentralizada de conteúdo sonoro”. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28. 2005. Rio de Janeiro. Anais do XXVIII Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2005.
- MUNDARÉU. [Locução de]: Daniela Manica e Soraya Fleischer. Podcast. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- MUNDO NA SALA DE AULA. [Locução de]: Ana Noronha; Arthur Ilhoa; Hugo Virgílio *et al*. 2020. Podcast. Disponível em: <https://bit.ly/2G6Q3Qe>. Acesso em: 19 fev 2021.

#2 – Mundo na sala de aula: Áudiocassetadas, quando o "erro" vem entre aspas. [Locução de]: Arthur Ulhôa e Melissa Bevilaqua. Brasília: Agosto, 2020. Podcast. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/2-mundo-na-sala-de-aula-audiocassetadas-quando-o-erro-vem-entre-aspas/> . Acesso em: 19 fev 2021.

